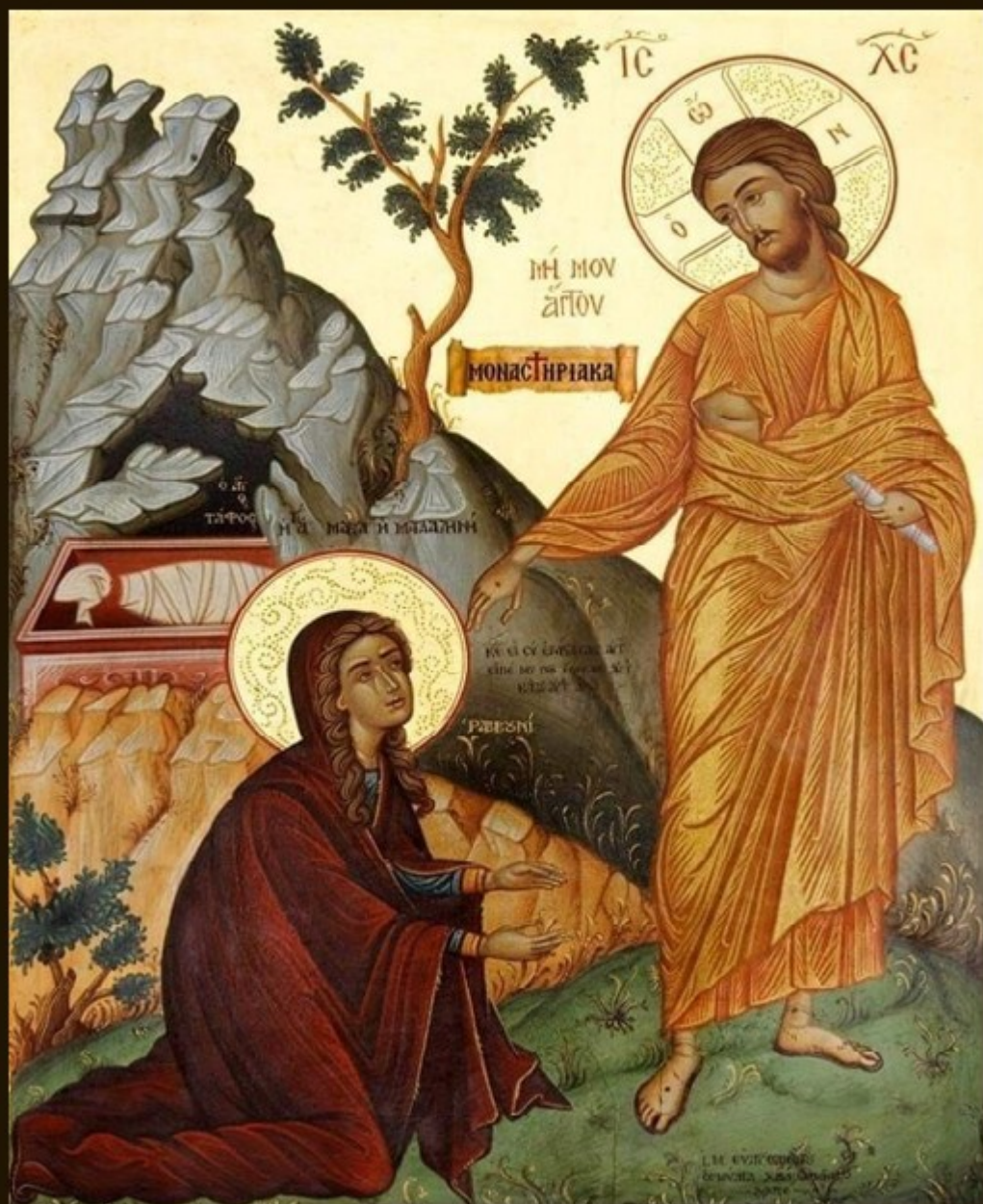


Ressurreição do corpo ou do Espírito?



Ressurreição **do corpo ou do Espírito?**

“Mas é incontestável que todos os dias descobrimos fatos que nos obrigam a modificar nossas velhas opiniões, e até mesmo a ter uma visão oposta das ideias reinantes.” (GABRIEL DELANNE)

Paulo Neto

Copyright 2024 by

Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)

Belo Horizonte, MG.

Capa:

<https://i.pinimg.com/736x/98/3d/74/983d7480c941054f748abbb75331c471.jpg>

Revisão:

Hugo Alvarenga Novaes

Thiago Toscano Ferrari

Diagramação:

Paulo Neto

site: <https://paulosnetos.net>

e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, dezembro/2024.

ÍNDICE

Introdução.....	4
Ressurreição, o significado bíblico.....	4
O que pensava Orígenes sobre a ressurreição?.....	33
Ressurreição ou Reencarnação?.....	36
Conclusão.....	51
Referências bibliográficas.....	65
Dados biográficos do autor.....	68

Introdução

Allan Kardec (1804-1869), o Codificador do Espiritismo, deixou bem claro, que diante das leis da natureza, a “ressurreição da carne” se torna um fato impossível, por mais que isso não agrade os teólogos dogmáticos.

Em **O Livro dos Espíritos**, no tópico “Ressurreição da carne”, temos a questão 1011, cuja resposta mereceu um comentário do Codificador, do qual destacamos o seguinte parágrafo:

De fato, **a Ciência demonstra a impossibilidade da ressurreição, segundo a ideia vulgar.** Se os despojos do corpo humano se conservassem homogêneos, embora dispersos e reduzidos a pó, ainda se conceberia que pudessem reunir-se em dado momento. As coisas, porém, não se passam assim. O corpo é formado de elementos diversos: oxigênio, hidrogênio, azoto, carbono etc. **Pela decomposição, esses elementos se dispersam, mas para servir à formação de novos corpos**, de tal sorte

que a mesma molécula, de carbono, por exemplo, terá entrado na composição de muitos milhares de corpos diferentes (falamos unicamente dos corpos humanos, sem contar os dos animais); **que um indivíduo tem talvez em seu corpo moléculas que já pertenceram a homens das primeiras eras**; que essas mesmas moléculas orgânicas que absorveis nos alimentos talvez provenham do corpo de outro indivíduo que conhecestes e assim por diante. **Existindo a matéria em quantidade definida e sendo indefinidas as suas combinações, como poderia cada um daqueles corpos reconstituir-se com os mesmos elementos?** Há aí uma impossibilidade material. **Não se pode, pois, racionalmente, admitir a ressurreição da carne senão como uma figura simbólica do fenômeno da reencarnação**, nada havendo aí que choque a razão ou que esteja em contradição com os dados da Ciência. ⁽¹⁾ (Nas transcrições e no texto normal, todos os grifos em negrito são nossos; quando não forem, avisaremos.)

A seguir, nos próximos capítulos, levantaremos alguns pontos com os quais julgamos poder definir a questão proposta no título, sem nos iludirmos pensando que os ferrenhos defensores da “ressurreição da carne” mudarão de opinião.

Ressurreição, o significado bíblico

“O erro não se torna verdade por multiplicar-se na crença de muitos, nem a verdade se torna erro por ninguém a ver...” (GANDHI)

Vamos direcionar essa pesquisa sobre a questão da ressurreição, na tentativa de encontrar qual o entendimento que os antigos tinham sobre isso. Sabemos não ser muito fácil fazer, pois os textos bíblicos de hoje, não sendo os originais e estando eivados de “vícios” de tradução, torna o resultado dessa tarefa assaz comprometido com a verdade, já que “a verdade bíblica” pode ser bem diferente da realidade.

Por outro lado, conceitos arraigados, que servem de arquétipo ao homem hodierno, talvez possam nos levar a um caminho fora do nosso objetivo principal que é saber quais são realmente os fatos verdadeiros.

Mas, para que não fiquemos apenas numa opinião isolada, e mesmo de pouco valor, trazemos a opinião do pesquisador holandês Emanuel Tov, especialista nos Manuscritos do Mar Morto, contida na revista **Veja** edição 1747, na reportagem “*Espião do Passado*”, de autoria de Adriana Carvalho:

Nas cavernas de Qumran e em outros lugares de Israel, nós encontramos centenas de manuscritos, todos da Bíblia hebraica, o Velho Testamento. **Comparando com as traduções que conhecemos hoje da Bíblia, notamos que há passagens que eram mais curtas, outras mais compridas ou com textos diferentes dos que conhecemos hoje.** O Livro de Jeremias nos manuscritos aparece em uma versão talvez 15% mais curta. Isso significa que, nas cópias feitas por gerações após gerações, frequentemente os escribas mudavam os textos, acrescentando alguns detalhes, suprimindo outros. Eles consideravam-se também autores e permitiam-se fazer alterações. Isso ocorreu com os textos de Homero, as tragédias gregas, não apenas com a Bíblia. ⁽²⁾

Primeiramente, cabe-nos informar qual é o significado daquilo que trataremos. Diz-nos o

Aurélio que:

a) Ressurreição:

S. f. 1. Ato ou efeito de ressurgir ou ressuscitar; ressurgência. 2. Rel. Festa católica comemorativa da ressurreição de Cristo, ao terceiro dia após a morte: 3. Fam. Cura surpreendente e imprevista. 4. Fig. Vida nova; renovação, restabelecimento. 5. Quadro que representa a ressurreição de Cristo. 6. Rel. Na doutrina cristã, o surgir para uma nova e definitiva vida, distinta e, em certa medida, oposta à existência terrestre, e que, a partir da ressurreição de Cristo, aguarda todos os fiéis cristãos.

b) Ressuscitar:

V. t. d. 1. Fazer voltar à vida; reviver, ressurgir. 2. Restaurar, renovar, reproduzir: V. int. 3. Voltar à vida; tornar a viver; reviver, ressurgir. 4. Tornar a surgir; reaparecer, ressurgir: 5. Escapar de grande perigo.

Assim, podemos, para o nosso estudo, concluir que ressurreição é a ocorrência que faz voltar à vida, tornar a viver ou reviver; quem passou pelo derradeiro momento da morte física. Nesse conceito, mais abrangente, podemos também considerar como

ressurreição a volta do Espírito à sua condição anterior no plano espiritual, ou seja, a ressurreição do espírito.

Pelo conceito encontrado no **Dicionário Bíblico Universal** temos:

Ressurreição não é a volta à vida. É de maneira inexacta que se fala de ressurreição a propósito das crianças curadas por Elias e Eliseu (1Rs 17, 2Rs 4), a propósito do filho da viúva de Naim (Lc 7,11-17), de Lázaro (Jo 11) etc. Os textos se referem somente a um retorno à vida que não dispensa a pessoa beneficiada de ter que morrer um dia. Ressuscitar é descobrir, além da morte, uma vida de tipo novo, comportando relações novas dos homens entre si e dos homens com Deus. ⁽³⁾

O que não conseguimos estabelecer é quando e porque o povo hebreu passou a acreditar na ressurreição, pois os textos bíblicos, só mais tardiamente, por volta de 175 a 161 a.C., é que passam a falar dessa possibilidade.

Nos livros que compõem o Antigo Testamento, percebemos que essa ideia aparece, como que caída

de um paraquedas, uma vez que até o século II a.C., nem se pensava nisso; antes, ao contrário, não tinham nenhuma perspectiva para a existência de alguma coisa depois da morte.

A cultura egípcia admitia a vida após a morte. Leiamos na revista **A Magia do Egito**:

Crença absoluta

A morte, para os egípcios, tinha um especial interesse. Havia entre eles uma **crença absoluta no renascer dos mortos**. Por isso, a **preocupação em preservar o cadáver** e o desenvolvimento da técnica de mumificação. De acordo com sua religião, **a alma precisava de um corpo para morar por toda a eternidade**.

Acreditava-se que a morte apenas separava o corpo da alma. Daí, a obrigação a ser cumprida pelos parentes quanto ao morto querido: a mumificação de seu corpo.

Morada definitiva

Se a vida poderia durar eternamente, desde que a alma encontrasse no túmulo o corpo destinado a servi-lhe de morada, era precioso, portanto, preservar suas características físicas. ⁽⁴⁾

É interessante o que pensavam a respeito do após morte:

A vida no outro mundo começava no próprio túmulo com uma viagem pelo subterrâneo. Primeiro, o *ka* (energia vital) deixaria o corpo acompanhado por *ba* (alma). **O deus Coros conduz o *ba* através dos portais de fogo até o salão do juízo final.**

O julgamento final era a prova de fogo para que a pessoa morta alcançasse, finalmente, a vida eterna.

No julgamento final, **o morto deveria provar que foi verdadeiro e justo durante a vida**, sem ter faltado com a verdade.

Se a pessoa não passasse pelo julgamento final, estaria condenada a uma espécie de coma perpétuo, ou seja, teria então uma segunda morte porque, agora, o acesso à eternidade estaria vedado.

Os egípcios se preparavam para o julgamento final através do chamado Livro dos Mortos. Esse livro continha palavras mágicas que deveriam ser ditas pelas pessoas na hora do julgamento. ⁽⁵⁾

Da **Revista das Religiões**, destacamos o artigo “O Egito que revivia os mortos” de autoria de Cristiana Felipe, do qual transcrevemos:

Os egípcios acreditavam que o corpo ressuscitaria magicamente do outro lado da vida por meio de um ritual chamado de ‘abertura da boca’. O sacerdote ou alguém da família tocava a boca do morto com um instrumento de metal para que ele pudesse ter uma boa passagem para o outro mundo e conseguisse pronunciar as palavras necessárias na hora do julgamento.

No mundo dos mortos, os egípcios eram julgados pelo deus Osíris e seus 42 assessores. Diante de cada juiz, o defunto declarava não ter passado por determinada infração. Seu coração era pesado numa balança. ‘Se pesasse mais que a pluma da justiça de Maat, a deusa da ordem universal, o morto seria engolido por um monstro em forma de crocodilo, leão e hipopótamo e teria, assim, uma morte definitiva, deixando por completo de existir’, afirma o historiador **Ciro Flamarion Cardoso**, da Universidade Federal Fluminense. ⁽⁶⁾

Ora, sabemos que o povo hebreu permaneceu por 430 anos em escravidão no Egito, tempo suficiente para incorporar, em sua cultura, os costumes do povo que o subjugava. O que nos causa espécie é: por que a ressurreição não aparece na Bíblia desde a época dos hebreus no Egito?

O que vemos é que, inicialmente, nem tinham

ideia de vida após a morte. Não aparece nem mesmo, quando promulgados, no monte Sinai, os Dez Mandamentos. Neles observamos que todas as recompensas e penalidades, estabelecidas por Deus, estão relacionadas às situações terrenas, não para uma vida futura após a morte.

Na visão que tinham, todos iam para o mesmo lugar: o *sheol*. Com o passar dos anos, desenvolveu-se a ideia de que somente os injustos iriam para lá. O *sheol* era, na verdade, a sepultura comum, da qual não viam nenhum corpo voltar, razão de pensarem que a vida só se resumia a essa aqui na terra. Quando imaginavam que alguém estava nas graças de Deus, davam a ela uma vida-longa. É por isso que, na Bíblia, aparecem pessoas com tempo de vida inverossímil.

Segundo o que conseguimos apurar, a ideia da ressurreição aparece, pela primeira vez, no período histórico situado entre 175 a.C. a 161 a.C., narrados em 2 Macabeus e em Daniel; ambos os relatos se referem a esse mesmo período.

É certo que alguns teólogos admitem que o

profeta Isaías teria falado a respeito dela. Mas é difícil saber com certeza, em razão deste trecho dos comentários na **Bíblia de Jerusalém** a respeito do livro de Isaías:

*Gênio religioso tão grande, marcou profundamente sua época e fez escola. Suas palavras foram conservadas e **sofreram acréscimos**. O livro que traz seu nome é o resultado de um longo processo de composição, impossível de reconstituir em todas as suas etapas. [...] **São acréscimos mais extensos “o Apocalipse de Isaías” (24-27), que por seu gênero literário e por sua doutrina não pode ser situado antes do século V a.C.; uma liturgia profética posterior ao Exílio (33); um “pequeno apocalipse” (34-33) que depende do Segundo Isaías. [...].** (7) (itálico do original)*

Quando lemos em Isaías 26,19: “Os teus mortos tornarão a viver, os teus cadáveres ressurgirão”, ficamos na dúvida sobre o que realmente se trata; mas, em nota de rodapé, explicam-nos: “O texto poderia se entender como restauração nacional (cf. Ez 37) ou como afirmação da fé na ressurreição dos mortos (Dn 12,2)” (8).

Reportando-nos a Ezequiel, na **Bíblia Sagrada** - **Vozes**, lemos a seguinte explicação para o passo 37,1-14:

Cumprindo-se os castigos anunciados pelo profeta (Ez 4-24) os exilados caíram em profunda prostração. Longe de sua terra, sem templo nem culto, estavam ameaçados de perder a identidade de povo eleito (cf. 20,32; 33,10). As esperanças de uma restauração pareciam perdidas (37,11). Neste contexto Ezequiel anuncia uma restauração milagrosa de Israel, a ser produzida pelo espírito de Deus. ⁽⁹⁾

E, confirmando essa afirmativa, citamos da *Bíblia de Jerusalém*: “Como em Os 6,2; 13,14 e Is 26,19, Deus anuncia aqui (cf. 11-14) a restauração messiânica de Israel, após os sofrimentos do Exílio (cf. Ap 2-,4+)” ⁽¹⁰⁾.

Até aí estavam indo muito bem; mas encontramos esta explicação dos tradutores da **Bíblia de Jerusalém**:

Contudo, pelos símbolos utilizados, ele já orientava os espíritos para a ideia de

ressurreição individual da carne, entrevista em Jó 19,25+, explicitamente afirmada em Dn 12,2; 2Mc 7,9-14; 12,43-46; Cf. 2Mc 7, 9+. Para o NT, ver Mt 22, 29-32 e sobretudo 1Cor 15. (¹¹)

Do texto de Ezequiel: *“estes ossos representam toda a casa de Israel, que está a dizer: ‘Os nossos ossos estão secos, a nossa esperança está desfeita. Para nós está tudo acabado. Pois bem, profetiza e dize-lhe: Assim diz o Senhor Iahweh: Eis que abrirei os vossos túmulos e vos farei subir dos vossos túmulos, ó meu povo, e vos reconduzirei para a terra de Israel”* (37,11-12), confirmando o que foi dito a respeito da restauração do povo de Israel.

Não é, portanto, uma ressurreição coletiva e nem individual o que se pode deduzir do texto. Vemos isso apenas como uma tentativa de se achar uma saída para justificar a crença na ressurreição da carne.

Embora não fosse desta forma que pensávamos em tratar desse assunto, devemos, para uma melhor compreensão, ver o que se narra nos livros 2 Macabeus e Daniel.

a) Livro de Macabeus

O **Segundo Livro dos Macabeus** não é uma continuação dos fatos narrados por 1Mc. É antes um relato paralelo a 1Mc 1-7. Começa com os fatos do tempo do Sumo Sacerdote Onias III e do rei Seleuco IV (180 a.C.). E termina pouco antes da morte de Judas Macabeu, com a derrota de Nicanor (161 a.C.). **Apresenta-se como um resumo de uma obra mais ampla**, em cinco volumes, de um tal **de Jasão de Cirene** (2,19-32). Este Jasão mostra-se bem informado ao menos sobre a situação em Jerusalém, a administração selêucida e seu funcionamento.

O autor do resumo é um desconhecido, profundamente religioso, talvez um **fariseu**. É um apaixonado pela causa dos judeus e grande admirador de Judas Macabeu, seu herói principal. A obra de Jasão de Cirene deve ter sido composta em torno de 130 a.C. **E o “resumo” deve ser posterior a 124 a.C. (data da primeira carta; 1,9) e anterior a 63 a.C.**, quando Jerusalém foi ocupada pelos romanos. Como se nota pelas duas cartas iniciais e pelo prólogo, o “resumo” foi composto em Alexandria e sobretudo para leitores da comunidade judaica local. ⁽¹²⁾

As informações que Jasão possuía – segundo o que podemos deduzir do resumo fiel – especialmente as notícias minuciosas e

exatas sobre certas particularidades da história dos Selêucidas, informações precisas sobre títulos, cargos etc., nos levam a crer que tenha consultado arquivos palestinosenses e ouvido boas testemunhas. É sabido, com efeito, que os judeus cultos da época costumavam empreender tais viagens e pesquisas.

A exatidão das notícias, que Jasão dá só poderá ter recolhido por via oral, leva-nos a crer que as tenha escrito quando ainda vivas as testemunhas oculares dos fatos, e que, portanto, sua obra tenha sido escrita nos últimos 20 anos séc. II a.C. ⁽¹³⁾

Por que o autor sentiu necessidade de retomar uma história já conhecida? Qual a originalidade? Podemos dizer que a intenção do autor é reler os mesmos fatos, para mostrar que a luta em defesa do povo se enraíza na atitude de fé, que confia plenamente no auxílio de Deus. ⁽¹⁴⁾

Os minúsculos que atestam a recensão do sacerdote Luciano (300 d.C.) conservam por vezes um texto mais antigo que os dos outros manuscritos gregos, texto que se reencontra nas Antiguidades Judaicas do **historiador Flávio Josefo, que segue geralmente 1Mc e ignora 2Mc**. A Vetus Latina, também, é a tradução dum texto grego perdido e frequentemente melhor que o dos manuscritos que conhecemos. **O texto que está na Vulgata não foi traduzido por são**

Jerônimo – para quem os livros dos Macabeus não eram canônicos – e não representa senão uma recensão secundária.
(¹⁵)

As informações acima são necessárias para compreendermos bem o que nos traz esse livro. Caro leitor, observe principalmente, o que grifamos em negrito. Podemos tirar que esse livro foi escrito por alguém que acreditava na ressurreição e o escreveu depois dos fatos acontecidos.

2 Macabeus 7,9: *“Estando prestes a dar o último suspiro, disse: ‘Tu, execrável como és, nos tiras desta vida presente. Mas o Rei do universo **nos ressuscitará para uma vida eterna**, pois morremos por fidelidade às suas leis.”*

Analisando a frase *“nos tira desta vida presente”*, presumimos que acreditavam em outra vida, e quando se disse: *“nos ressuscitará para uma vida eterna”*, confirma essa ideia. Então, a ressurreição aqui tratada é a do espírito. E sobre essa última expressão, nos informam na Bíblia de Jerusalém que: *“Lit. ‘para uma revivificação eterna*

da vida” (16), o que sustenta a ideia concluída por nós.

2 Macabeus 7,11: “*dizendo com dignidade: ‘De Deus eu recebi esses membros, e agora, por causa das leis dele, eu os desprezo, pois **espero que ele os devolva para mim**’.*”

Aqui, ao que parece, a ressurreição que esperavam é a do corpo.

2 Macabeus 7,13-14: “*Passado também este à outra vida, submeteram o quarto aos mesmos suplícios, desfigurando-o. Quase a expirar, disse: ‘É desejável **passar para a outra vida** às mãos dos homens, conservando em Deus a **esperança de ser um dia ressuscitado por ele**. Para ti, porém, não haverá ressurreição para a vida!’*”

Essa passagem é singular, pois volta à questão de se acreditar em “outra vida”; entretanto, o texto já induz à ideia de uma ressurreição futura, talvez a do juízo final. Mas, é aí que a coisa fica difícil de entender, pois em outras Bíblias encontramos coisa diferente; vejamos o texto conforme o teor da **Bíblia Sagrada Ave-Maria**:

*“Morto este, aplicaram os mesmos suplícios ao quarto, e este disse, quando estava a ponto de expirar: ‘É uma sorte desejável perecer pela mão humana com a esperança de que Deus nos ressuscite. Mas **para ti, certamente não haverá ressurreição para a vida.**”*

Tiraram a ideia da versão anterior de que acreditavam em uma “outra vida”, mas já não se tem a ideia que a ressurreição seja para um tempo futuro, dá-nos a entender que é próxima.

Ao dizer que “*para ti, não haverá ressurreição para a vida*”, que vida? Não seria a vida espiritual? Não seria a ressurreição do Espírito? Se for, ficaria contrário à ideia da ressurreição do corpo. Assim esse livro não nos fornece elementos seguros para saber o que realmente pensavam.

2 Macabeus 7,23: *“Por isso, é o Criador do mundo, que organizou o nascimento dos homens e preside à geração de todas as coisas, ele mesmo é quem, na sua misericórdia, **vos dará de novo o espírito e a vida**, pois agora desprezais a vós mesmos, por amor às suas leis.”*

Será que aqui poderemos entender que “vos

dará de novo o espírito e a vida” como a ressurreição espiritual? Acreditamos que sim. Observe que é mais forte essa ocorrência do que a ressurreição do corpo.

2 Macabeus 12,43-44: *“Em seguida fez uma coleta, enviando a Jerusalém cerca de dez mil dracmas, para que se oferecesse um sacrifício pelos pecados: belo e santo modo de agir, decorrente de sua crença na ressurreição, porque, **se ele não julgasse que os mortos ressuscitariam, teria sido vão e supérfluo rezar por eles.**”*

Oferecerem sacrifícios pelos pecados, apenas teria sentido, se acreditassem que já estariam ressuscitados, para que esses sacrifícios tivessem valor imediato.

b) Livro de Daniel

a) *Bíblia de Jerusalém*

A explicação que encontramos para o grupo dos **assideus**: “Forma grecizada do hebr. Hasídîm, os ‘piedosos’, comunidade de judeus apegados à Lei. Eles resistiram à influência pagã desde antes dos Macabeus e tornaram-se a tropa de choque de Judas (cf. Mc 14,6), mas sem se subordinarem à política dos Asmoneus (cf. 1Mc 7,13).

Segundo Josefo, durante a chefia de Jônatas, por volta de 150, **eles se dividiram em fariseus** (Mt 3,7+ e At 4,1+) **e essênios**, mais bem conhecidos desde as descobertas de Qumrã (cf. Ant. XIII, 17s)". (17)

Pouco depois dele, Dn 12,2 explicitará a fé numa retribuição após a morte e no pensamento dele esta fé estará ligada à fé na ressurreição dos mortos, já que **a mentalidade hebraica não concebe a vida do espírito separada da carne**. No judaísmo alexandrino a doutrina progredirá em caminho paralelo e irá mais adiante. **Depois que a filosofia platônica, com sua teoria da alma imortal, tiver libertado o pensamento hebraico de seus entraves**, o livro da Sabedoria afirmará que "Deus criou o homem para a imortalidade (2,23) e que depois da morte a alma fiel gozará de felicidade sem fim junto de Deus, enquanto os ímpios receberão seu castigo (3,1-12)". (18)

A data desta [composição] é fixada pelo testemunho claro fornecido pelo cap. 11. As guerras entre Selêucidas e Lágidas e uma parte do reinado de Antíoco Epífanes nele são narradas com grande luxo de pormenores insignificantes para o propósito do autor. Este relato não se parece com nenhuma profecia do Antigo Testamento e **apesar de seu estilo profético, relata acontecimentos já ocorridos**. Mas a partir de 11,40 muda o tom: o "Tempo do fim" é

anunciado de um modo que recorda os outros profetas. O livro teria sido composto, portanto, durante a perseguição de Antíoco Epifanes e antes da morte dele, antes mesmo da vitória da insurreição macabaica, isto é, entre 167 a 164. ⁽¹⁹⁾

O livro de Daniel já não representa a verdadeira corrente profética. Não contém mais a pregação dum profeta enviado por Deus em missão junto de seus contemporâneos; **foi composto e imediatamente escrito por um autor que se oculta por detrás dum pseudônimo**, como já sucedera no opúsculo de Jonas. ⁽²⁰⁾

b) *Bíblia Sagrada – Vozes*

Autor e tempo de origem: Dn 1-6 nos coloca no tempo do exílio babilônico (séc VI a.C.). Dn 7-12, onde Daniel fala de si na primeira pessoa, é atribuído a Daniel, judeu deportado em 606 a.C. De fato, até o séc. XIX o livro foi atribuído a este profeta exílico; mas deste então tornou-se **opinião generalizada entre autores não-católicos e católicos que na realidade o livro foi escrito no séc. II a.C.**, no tempo da perseguição de Antíoco IV, entre os anos 167 a 163 a.C., no início do período macabeu. [...] Portanto, o autor é um desconhecido, talvez pertencente ao grupo **assideu** (cf. 1Mc 2,27), o que não exclui que o livro contenha elementos mais antigos.

O Autor desconhecido quis oferecer aos seus contemporâneos, cruelmente perseguidos pelo rei Antíoco, um livro de conforto e consolação. ⁽²¹⁾

c) *Bíblia Sagrada – Ave-Maria*

Com efeito, este escrito **foi redigido em três línguas: em hebraico, em grego e em aramaico**; ora, os dois últimos idiomas não eram ainda utilizados no tempo em que o livro coloca o profeta. O seu redator, que **escreveu certamente no segundo século a.C.**, serviu-se de documentos anteriores, que podem remontar até a própria época de Daniel. ⁽²²⁾

A situação histórica coloca o nosso Daniel no reinado do Antíoco IV Epífanes, que determinou o extermínio da religião judaica e a consecutiva helenização da Palestina. O autor do livro de Daniel (a nós desconhecido) serve-se de histórias antigas, segundo o gênero *agádico*, então muito em voga (cc. 1-6; 13-14), para inculcar esperança e fé aos judeus perseguidos por Antíoco IV. Assim como Deus protegeu Daniel e os seus companheiros de todos os perigos, assim acontecerá com os judeus que forem fiéis à Lei e às tradições religiosas. **O autor não tem em vista descrever fatos históricos**, mas histórias moralizadoras, que poderiam, na realidade, ter um fundo ou um núcleo histórico, mas de segunda importância. **Os**

dados internos do livro, linguístico, histórico e teológico obrigam-nos a datar o livro por altura da morte do rei Antíoco IV (165-164 a.C.). ⁽²³⁾

Os fariseus acreditavam na ressurreição, anjo, espírito, imortalidade da alma, coisas que dariam para justificar o aparecimento da ideia de ressurreição, somente agora, já que estes dois livros, Macabeus e Daniel, provavelmente tiveram como autores pessoas com essas origens.

O historiador Flávio Josefo (37-103 d.C.) registra, nessa época, as classes dos fariseus, dos saduceus e a dos essênios; inclusive, as duas primeiras são citadas no Novo Testamento.

É bom ressaltar que a crença dos fariseus na ressurreição, era no sentido de voltar a um novo corpo, ou seja, reencarnação. Na sua obra **História dos Hebreus**, vamos encontrá-lo falando dos fariseus, grupo ao qual pertencia:

Eles julgam que as almas são imortais, que são julgadas em um outro mundo e recompensadas ou castigadas segundo foram neste, viciosas ou virtuosas; que umas

são eternamente retidas prisioneiras nessa outra vida e **que outras voltam a esta**. ⁽²⁴⁾

O “*outras voltam a esta*”, entende-se a esta vida terrena, considerada como prêmio para os bons, os maus ficavam retidos na “*outra vida*”.

Recapitulando: autor desconhecido, escrito por volta de 165-164 a.C., o que nos coloca em data próxima do livro anterior, ou seja, 2 Macabeus.

Daniel 12,2: “*Muitos dos que dormem na terra poeirenta, despertarão; uns para a vida eterna, outros para vergonha, para abominação eterna*”.

Encontramos a seguinte nota na **Bíblia Sagrada - Santuário**:

O profeta anuncia a libertação de Israel após os horrores levados a efeito por Antíoco Epífanês. Além da ressurreição nacional, o v.2 anuncia a ressurreição da carne (Is 26,29; 2Mc 7,9-14, 23-36; 12,43-46). **A doutrina da ressurreição da carne é tipicamente bíblica** e semita, enquanto que a da imortalidade da alma é de sabor mais helênico. ⁽²⁵⁾

Aqui, como anteriormente já explicamos sobre Ezequiel, é provável que a ideia seja mesmo a da ressurreição nacional, ou seja, restauração do povo de Israel.

Vejamos agora qual era o conceito de época para a ressurreição, dele conseguimos levantar os seguintes significados:

a) Voltar à vida no mesmo corpo

Elias, que ressuscitou um filho de uma viúva (1 Reis 17,17-24);

Eliseu, que fez o mesmo com um filho de uma sunamita (2 Reis 4,32-37);

Pedro, por ter ressuscitado a jovem chamada Tabita (Atos 9,36-41);

Paulo, que fez voltar à vida o menino Êutico, que havia morrido após ter caído de uma janela (Atos 20,9-12);

Jesus, a filha de Jairo (Mateus 9,18-26; Marcos 5,21-24.35-43; Lucas 8,40-42.49-56), o filho da viúva de Naim (Lucas 7,11-17) e Lázaro (João 11,1-44).

Será que realmente houve propriamente uma

morte? Devemos observar, que no caso da filha de Jairo, Jesus disse: *“a menina não morreu, está dormindo”* (Mateus 9,24; Marcos 5,39 e Lucas 8,52). Em relação a Lázaro a coisa é mais complicada, pois, apesar de Jesus ter afirmado que *“esta doença não é para a morte”* (João 11,4), e *“nosso amigo Lázaro dorme”* (João 11,11), o texto bíblico apresenta uma contradição a partir do versículo 13 a 16, dizendo que se trata de morte mesmo. Ora, isso, a nosso ver, decorre de um acréscimo ao texto original para se justificar a tese da ressurreição corporal, cujo teor, se retirarmos do texto não ocasiona solução de continuidade da narrativa, mantendo incólume o contexto.

Temos dito, em várias oportunidades, que os médicos de hoje, se tivessem vivido naquele tempo, seriam considerados “profetas”, pois, com certeza, com os atuais conhecimentos de medicina, iriam “ressuscitar” inúmeras pessoas. A grande questão é saber se Lázaro e a filha de Jairo, e o filho da viúva de Naim estavam realmente mortos, ou se passaram por uma EQM – Experiência de Quase Morte, que tem despertado o interesse de vários pesquisadores nos

tempos atuais...

Esse era o significado popular, ou seja, o que o povo entendia; mas, como já demonstramos pelo *Dicionário Bíblico*, ele não é exato.

b) Voltar à vida em outro corpo

Lucas 9,7-9: *“O tetrarca Herodes, porém, ouviu tudo o que se passava, e ficou muito perplexo por alguns dizerem: ‘É João que foi ressuscitado dos mortos’; e outros: ‘É Elias que reapareceu’; e outros ainda: ‘É um dos antigos profetas que ressuscitou’”. Herodes, porém, disse: ‘A João eu mandei decapitar. Quem é esse, portanto, de quem ouço tais coisas?’ E queria vê-lo”. (ver Mateus 14,1-2 e Marcos 6,14-16).*

Lucas 9,18-19: *“Um dia Jesus rezava num lugar retirado e seus discípulos estavam com ele. Ele lhes fez a seguinte pergunta; ‘Quem sou eu no dizer das turbas?’ Eles responderam: ‘Para uns, João Batista, para outros, Elias ou algum dos antigos profetas ressuscitado’”. (ver também Mateus 16,13-14; Marcos 8,27-28).*

Por essas passagens podemos perfeitamente saber que o povo também acreditava que alguém, que já havia morrido, poderia voltar como outra

pessoa; senão, não teria sentido o que o povo pensava a respeito de quem era Jesus.

E se isso não fosse possível, com certeza, Jesus não teria feito essa pergunta; e, mais ainda: teria dito dessa impossibilidade, em função da resposta dada pelos discípulos. Assim, fica claro que o conceito de ressuscitar aqui nessas passagens pode muito bem ser entendido por reencarnar.

Somente devemos fazer uma ressalva quanto a João Batista, que não poderia se enquadrar nesse entendimento; nós o explicaremos no item “d”.

c) Ressurgir em Espírito

Qual a ressurreição foi pregada por Jesus: a da carne ou a do Espírito?

Para responder essa questão é necessário lermos a resposta que Jesus deu aos saduceus, negadores da ressurreição, sobre uma mulher que, para cumprir a lei mosaica, teve que casar com os sete irmãos.

A dúvida deles era: quando da ressurreição ela seria mulher de qual deles? A isso responde Jesus: *“As pessoas deste mundo se casam. Contudo, as que*

são julgadas dignas de ter parte naquele mundo e na ressurreição dos mortos, lá não se casam. E já não podem morrer outra vez, porque são iguais aos anjos e filhos de Deus, sendo participantes da ressurreição". (Lucas 20,34-36).

Se os que morrem são iguais aos anjos, isso significa que serão seres espirituais; daí, não se justifica mais o casamento, que é coisa para os que possuem corpos materiais.

Jesus disse que *"O espírito é que dá vida, a carne de nada serve"* (João 6,63), o que vem reforçar a nossa natureza como sendo a espiritual. Por outro lado, partindo de que *"Deus é Espírito"* (João 4,24) e que somos a sua imagem e semelhança, é inevitável concluirmos que, na verdade, somos também Espíritos.

Seguindo a leitura de Lucas, temos: *"E que os mortos ressuscitem, é Moisés quem dá a conhecer através do episódio da Sarça Ardente, quando chama ao Senhor: o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó. Ora, Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos; para ele, então, todos são vivos". (Lucas 20,37-38).* Considerando que na

narrativa se afirma que Abraão, Isaac e Jacó *“todos são vivos”*, que não aconteceu o juízo final, para a esperada ressurreição dos corpos; e ainda que os três tiveram morte física, é de se deduzir que, se eles estão vivos, estão, portanto, vivos em Espírito. E, concluindo: pela comparação de Jesus, eles já ressuscitaram, ou seja, estão vivendo a vida do Espírito; por isso, não morrem mais.

Disso inferimos que, o que Jesus ensinou foi a ressurreição do Espírito; jamais a do corpo físico, dogma de igrejas tradicionais. O que também poderá ser confirmado em Paulo, quando diz: *“a carne e o sangue não poderão herdar o reino de Deus”* (1 Coríntios 15,50).

d) Ressurgir em Espírito influenciando outra pessoa

Mateus 14,1-2: *“Naquele tempo, Herodes, o tetrarca, veio a conhecer a fama de Jesus e disse aos seus oficiais: ‘Certamente se trata de João Batista: ele foi ressuscitado dos mortos e é por isso que os poderes operam através dele!’”*

Essa passagem nós a estamos colocando para

explicar a questão de João Batista. Ora, se acreditavam que Jesus estava fazendo prodígios porque “*os poderes de João Batista operam através dele*”, isso, num português bem claro, seria a possibilidade de um morto exercer algum tipo de influência sobre um vivo.

Confirmando, pelo menos como uma hipótese muito provável, que aceitavam a interferência dos mortos sobre os vivos, ou seja, isso nada mais é do que a comunicação entre os dois planos da vida.

Assim, também, podemos dizer que ressurreição, neste caso, seria a volta de um morto à sua condição de espírito.

O que pensava Orígenes sobre a ressurreição?

Informam-nos no site [***Ecclesiae***](#):

Orígenes (em grego Ὠριγένης), cognominado Orígenes de Alexandria ou Orígenes de Cesareia ou ainda Orígenes, o Cristão (Alexandria, Egito, c. 185 — Cesareia, ou, mais provavelmente, Tiro, 253), foi um teólogo, filósofo neoplatônico patrístico e é um dos Padres gregos.

Um dos mais distintos pupilos de Amônio de Alexandria, Orígenes foi um prolífico escritor cristão, de grande erudição, ligado à Escola Catequética de Alexandria, no período pré-niceno. ⁽²⁶⁾

Temos em mãos a sua obra [***Contra Celso***](#), do Livro VII, transcreveremos este trecho do tópico “Ressurreição”:

32. Celso não compreendeu nossa doutrina da ressurreição, doutrina rica, difícil de expor, por exigir mais do que

qualquer outra intérprete bem preparado para mostrar o quanto esta doutrina é digna de Deus e sublime: de acordo com ela, existe uma relação seminal no que a Escritura chama a tenda da alma (2Cor 5,4), na qual **os justos** gemem acabrunhados; e **gostariam de não “ser despojados de sua veste, mas revestir a outra por cima desta”** (2Cor 5,4). Por ter ouvido falar da ressurreição da boca de pessoas simples, incapazes de apoiá-la com qualquer razão, ridiculariza o que se afirma. Será útil acrescentar ao que ficou dito acima esta simples observação sobre a doutrina: não é, como acredita Celso, por ter compreendido mal a doutrina da metensomatose que nós falamos de ressurreição; mas é porque **sabemos que a alma, que por sua própria natureza é incorpórea e invisível, precisa, quando se encontra num lugar corporal qualquer, de um corpo apropriado por sua natureza neste lugar**. Ela carrega este corpo depois de ter abandonado a veste, necessária antes, mas supérflua para um segundo estado, e a seguir, após tê-lo revestido por cima com aquela veste que tinha inicialmente, **porque precisa de uma veste melhor para chegar às regiões mais puras, etéreas e celestes**. Ao nascer para o mundo, ela abandonou a placenta que era útil à sua formação no seio de sua mãe enquanto nela se encontrava; revestiu por baixo o que era necessário a um ser que viveria na terra.

Além disso, como existe uma morada

terrena da tenda, que é necessária de certa maneira à tenda, **as Escrituras declaram que a morada terrena da tenda será destruída, mas que a tenda revestirá “uma morada não feita por mão humana, eterna no céu”**. E os homens de Deus dizem: “Este ser corruptível revestirá a incorruptibilidade” (1Cor 15,53), que é diferente do que é incorruptível, “este ser mortal revestirá a imortalidade”, que é diferente do que é imortal. Realmente, a mesma relação que tem a sabedoria com o que é sábio, a justiça com o que é justo, a paz com o que é pacífico, existe igualmente entre a incorruptibilidade e o que é incorruptível, entre a imortalidade e o que é imortal. [...].
(²⁷)

Claro como água cristalina que a ressurreição pregada por Orígenes, respeitável representante da Igreja Católica, um dos tradicionalmente chamados de *“Padres da Igreja”* ou *“Santos Padres”* (²⁸) é em outro corpo, aquele que nós, os espíritas, designamos de perispírito.

E com o seu corpo perispiritual, que o Espírito retorna à Terra, em nova reencarnação, ou seja, *“ressuscita”* na carne.

Ressurreição ou Reencarnação?

“As ideias prematuras costumam malograr porque as criaturas não estão maduras para as compreenderem, nem sentem por ora a necessidade de uma mudança de posição.” (ALLAN KARDEC)

Resolvemos desenvolver um estudo sobre o tema acima, que se liga ao tema que estamos pesquisando. Por ser assunto ligado especialmente às crenças religiosas, isso nos leva a buscar a Bíblia como principal fonte de pesquisa.

Antigo Testamento

Isaías 26,19: ***“Os teus mortos e também o meu cadáver viverão e ressuscitarão; despertai e exultai, os que habitais no pó, porque o teu orvalho será como o orvalho das ervas, e a terra lançará de si os mortos”.***

Daniel 12,1-2: ***“E naquele tempo se levantará Miguel, o grande príncipe, que se levanta a***

*favor dos filhos do teu povo, e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas naquele tempo livrar-se-á o teu povo, todo aquele que for achado escrito no livro. **E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno***".

Oseias 6,1-2: "Vinde, e tornemos ao Senhor, porque ele despedaçou, e nos sarará; feriu, e nos atará a ferida. **Depois de dois dias nos dará a vida; ao terceiro dia nos ressuscitará, e viveremos diante dele**".

Podemos constatar que, desde a antiguidade, já se acreditava que um dia ressuscitaremos. Entretanto, essa ideia não era muito nítida quanto a sua abrangência e nem quanto à época em que ocorreria a nossa ressurreição.

Daniel, por exemplo, disse que muitos dos que dormem ressuscitarão. Será que queria dizer que a ressurreição não seria para todos? Disse mais: que uns para a vida eterna e outros para a vergonha e desprezo eterno.

Não devemos atribuir a Deus sentimento de desprezo, ainda mais eterno, pois onde ficaria sua

misericórdia, que também é eterna? Poderíamos, sim, ver aí apenas um simbolismo: os que irão para a vida eterna são os Espíritos que não necessitam mais da reencarnação, ao passo que os que irão para a vergonha e desprezo eterno, são os que ainda permanecerão presos ao ciclo das reencarnações sucessivas, até que um dia atinjam as mesmas condições dos primeiros.

Devemos entender que esse ciclo é eterno enquanto dure, já que o termo eterno, neste caso, significa um período de longa duração.

Oseias já nos traz a ideia de uma ressurreição próxima ao da nossa passagem para o mundo espiritual, para vivermos eternamente diante de Deus. Diferente de Daniel, não faz nenhum tipo de exclusão, como, também, não disse de nenhuma condenação eterna.

Por outro lado, de sua fala podemos concluir que todos receberemos o “prêmio”, muito embora não sendo tão imediato esse estar “vivendo diante Dele”, mas, sim, quando nos tornarmos Espíritos puros, não necessitando mais reencarnar.

Novo Testamento

Mateus 14,1-2: “Por aquela mesma época, o tetrarca Herodes ouviu falar de Jesus. E disse aos seus cortesãos: ‘É João Batista que ressuscitou. É por isso que ele faz tantos milagres’.”

Mateus 16,13-14: “Chegando ao território de Cesareia de Felipe, Jesus perguntou a seus discípulos: ‘No dizer do povo, quem é o Filho do homem?’ Responderam: ‘Uns dizem que é João Batista; outros, Elias; outros, Jeremias ou um dos profetas’.”

Temos, agora, uma das ideias que faziam da ressurreição; nessa circunstância é o que denominamos de reencarnação. Se pensavam que Jesus poderia ser João Batista, Elias, Jeremias ou um dos profetas, é porque, sem sombra de dúvidas, acreditavam que alguém morto poderia voltar em outro corpo; não há como fugir dessa verdade! Entretanto, neste caso específico, Jesus só não poderia ser João Batista reencarnado, pois eles viveram na mesma época.

Mateus 11,14: “E, se quereis compreender, é ele o Elias que devia voltar”.

É uma afirmação positiva de Jesus. Ao falar que João Batista era o Elias, Jesus diz em outras palavras, e numa expressão mais simples, que João Batista era o Elias reencarnado. A expressão “*devia voltar*” pode-se muito bem entender que estaria, sem dúvida, querendo dizer “*devia ressuscitar*”.

Mateus 28,5-6: *Mas, o anjo disse às mulheres: “Não temais! Sei que procurais a Jesus que foi crucificado. Não está aqui: ressuscitou, como disse”.*

Comprovação evangélica de que a ressurreição, como voltar à condição de espírito, existe e ninguém contesta tal possibilidade. Seria uma outra ideia que tinham a respeito da ressurreição.

Já que a ressurreição aqui narrada não se trata da dita ressurreição do final dos tempos, podemos concluir, sem medo de errar, que, naquela época, acreditavam em dois tipos de ressurreição. Hoje compreendemos estes dois tipos da seguinte forma: uma, de imediato, quando, pela morte do nosso corpo físico, voltamos à condição de Espírito; outra, no final dos tempos, quando, finalmente, sairmos do

ciclo da reencarnação, tornando-nos espíritos puros.

Mateus 9,18-19.23-26: *“Falava ele ainda, quando se apresentou um chefe de sinagoga. Prostrou-se diante dele e lhe disse: ‘Senhor, minha filha acaba de morrer: Mas vem, impõe-lhe as mãos e ela vivera’. Jesus levantou-se e o foi seguindo com seus discípulos. Chegando à casa do chefe da sinagoga, viu Jesus os tocadores de flauta e uma multidão alvoroçada. Disse-lhes: ‘Retirai-vos, porque a menina não está morta; ela dorme’. Eles, porém, zombaram dele. Tendo saído a multidão, ele entrou, tomou a menina pela mão e ela levantou-se. Esta notícia espalhou-se por toda a região.”*

Lucas 7,11-16: *“No dia seguinte dirigiu-se Jesus a uma cidade chamada Naim. Iam com ele diversos discípulos e muito povo. Ao chegar perto da porta da cidade, eis que levavam um defunto a ser sepultado, filho único de uma viúva; acompanhava-a muita gente da cidade. Vendo-a o Senhor, movido de compaixão para com ela, disse-lhe: ‘Não chores!’ E aproximou-se, tocou no esquife, e os que o levavam, pararam. Disse Jesus: ‘Moço, eu te ordeno, levanta-te’. Sentou-se o que estivera morto e começou a falar, e Jesus entregou-o à sua mãe”.*

Estes dois casos de ressurreição poderiam muito bem ser idênticos aos que ainda acontecem nos dias de hoje. Apesar de todo o avanço da Medicina do Século XX, ela também se engana.

Veja, caro leitor, o que foi registrado pelo Jornal ***O Estado de Minas*** na coluna “Um dia no Mundo”:

Em 01.11.94 – Título: Ex-defunto

Uma religiosa budista de 71 anos provocou pânico entre os sacerdotes presentes em seu enterro, quando acordou em meio a seu próprio funeral, depois de ter parado de respirar durante 24 horas, informou ontem uma fonte de Bangcoc. A ex-defunta foi levada então para um hospital e estava bem viva e em boa saúde, segundo declarou um médico, explicando que a religiosa sofrera um ataque de diabetes e perdido os sentidos (mas nada disse sobre o fato de ele ter parado de respirar). ⁽²⁹⁾

Em 18.04.96 – Título: Ressurreição

A britânica Maureen Jones, 59 anos, foi oficialmente declarada morta por um médico depois de sofrer um ataque de diabetes. Momentos depois, cumprindo função de rotina, policiais examinaram o corpo e, mexendo em suas pernas, a ressuscitaram. Este foi o segundo caso deste tipo neste ano

na Grã-Bretanha. Em janeiro, a mulher de um fazendeiro, Daphne Banks, 61 anos, foi encontrada viva dentro de um necrotério, na região central do país, depois que um médico a declarou morta. Mais tarde, Daphne disse que estava tentando se matar. ⁽³⁰⁾

Se nos dias atuais ainda acontece isso, imagine antigamente, quando a Medicina não conhecia tais fenômenos. Era, ou não era, para tê-los como milagre? Observemos que, no caso da filha de Jairo, Jesus chegou a dizer “a menina não está morta; ela dorme”; assim, houve, na verdade, uma cura, não uma ressurreição propriamente dita.

João 11,1-44: *“Ora, estava enfermo um homem chamado Lázaro, de Betânia, aldeia de Maria e de sua irmã Marta. E Maria, cujo irmão Lázaro se achava enfermo, era a mesma que ungiu o Senhor com bálsamo, e lhe enxugou os pés com os seus cabelos. Mandaram, pois, as irmãs dizer a Jesus: 'Senhor, eis que está enfermo aquele que tu amas'. Jesus, porém, ao ouvir isto, disse: 'Esta **enfermidade não é para a morte**, mas para glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por ela'. Ora, Jesus amava a Marta, e a sua irmã, e a Lázaro. Quando, pois, ouviu que estava*

enfermo, ficou ainda dois dias no lugar onde se achava. Depois disto, disse a seus discípulos: Vamos outra vez para Judeia. Disseram-lhe eles: 'Rabi, ainda agora os judeus procuravam apedrejar-te, e voltas para lá?' Respondeu Jesus: 'Não são doze as horas do dia? Se alguém andar de dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo; mas se andar de noite, tropeça, porque nele não há luz'. E, tendo assim falado, acrescentou: **'Lázaro, o nosso amigo, dorme, mas vou despertá-lo do sono'**. Disseram-lhe, pois, os discípulos: 'Senhor, se dorme, ficará bom. **Mas Jesus falara da sua morte; eles, porém, entenderam que falava do repouso do sono'**. Então Jesus lhes disse claramente: **'Lázaro morreu;** e, por vossa causa, folgo de que eu lá não estivesse, para que creiais; mas vamos ter com ele'. Disse, pois, Tomé, chamado Dídimo, aos seus condiscípulos: 'Vamos nós também, para morrermos com ele'. Chegando, pois Jesus encontrou-o já com quatro dias de sepultura. Ora, Betânia distava de Jerusalém cerca de quinze estádios. E muitos dos judeus tinham vindo visitar Marta e Maria, para as consolar acerca de seu irmão. Marta, pois, ao saber que Jesus chegava, saiu-lhe ao encontro; Maria, porém, ficou sentada em casa. Disse, pois, Marta a Jesus: 'Senhor, se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido. E mesmo agora sei que tudo quanto

pedires a Deus, Deus to concederá'. Respondeu-lhe Jesus: 'Teu irmão há de ressurgir'. Disse-lhe Marta: 'Sei que ele há de ressurgir na ressurreição, no último dia'. Declarou-lhe Jesus: 'Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo aquele que vive, e crê em mim, jamais morrerá. Crês isto?' Respondeu-lhe Marta: 'Sim, Senhor, eu creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo'. Dito isto, retirou-se e foi chamar em segredo a Maria, sua irmã, e lhe disse: 'O Mestre está aí, e te chama'. Ela, ouvindo isto, levantou-se depressa, e foi ter com ele. Pois Jesus ainda não havia entrado na aldeia, mas estava no lugar onde Marta o encontrara. Então os judeus que estavam com Maria em casa e a consolavam, vendo-a levantar-se apressadamente e sair, seguiram-na, pensando que ia ao sepulcro para chorar ali. Tendo, pois, Maria chegado ao lugar onde Jesus estava, e vendo-o, lançou-se-lhe aos pés e disse: 'Senhor, se tu estivesses aqui, meu irmão não teria morrido'. Jesus, pois, quando a viu chorar, e chorarem também os judeus que com ela vinham, comoveu-se em espírito, e perturbou-se. E perguntou: 'Onde o puseste?' Responderam-lhe: 'Senhor, vem e vê'. Jesus chorou. Disseram então os judeus: 'Vede como o amava'. Mas alguns deles disseram: 'Não podia ele, que abriu os olhos ao cego, fazer

também que este não morresse?' Jesus, pois, comovendo-se outra vez, profundamente, foi ao sepulcro; era uma gruta, e tinha uma pedra posta sobre ela. Disse Jesus: 'Tirai a pedra'. Marta, irmã do defunto, disse-lhe: 'Senhor, já cheira mal, porque está morto há quase quatro dias'. Respondeu-lhe Jesus: 'Não te disse que, se creres, verás a glória de Deus?' Tiraram então a pedra. E Jesus, levantando os olhos ao céu, disse: 'Pai, graças te dou, porque me ouviste. Eu sabia que sempre me ouves; mas por causa da multidão que está em redor é que assim falei, para que eles creiam que tu me enviaste'. E, tendo dito isso, clamou em alta voz: 'Lázaro, vem para fora!' Saiu o que estivera morto, ligados os pés e as mãos com faixas, e o seu rosto envolto num lenço. Disse-lhes Jesus: 'Desligai-o e deixai-o ir'."

Se Jesus disse: **"esta enfermidade não é para a morte"** reafirmando que **"Lázaro, nosso amigo, dorme, mas vou despertá-lo do sono"** essas duas afirmativas estariam em contradição com a seguinte: **"Então Jesus lhes disse claramente: Lázaro morreu"**. Como não aceitamos que Jesus tenha se contradito, preferimos acreditar que houve uma interpolação ao texto original, para reforçar a ideia da ressurreição da carne, coisa que Jesus nunca

ensinou, já que falava da ressurreição espiritual. Paulo confirma isso ao dizer: *“Irmãos, garanto o seguinte: a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem o que é destrutível herdar a indestrutibilidade”* (1Cor 15,50).

Destacamos de **O Livro dos Médiuns**, Primeira Parte, capítulo “II – O maravilhoso e o sobrenatural”, o seguinte parágrafo do item 15:

Se um homem realmente morto, como dissemos no início, **ressuscitar por intervenção divina, haverá aí verdadeiro milagre, porque isso é contrário às Leis da Natureza**. Se, porém, **esse homem só tem da morte a aparência**, se ainda há nele um resto de vitalidade latente e a Ciência ou **uma ação magnética consegue reanimá-lo**, para as pessoas esclarecidas isso será **um fenômeno muito natural**. Todavia, **aos olhos do vulgo ignorante, o fato passará por milagroso** e seu autor será perseguido a pedradas, ou venerado, conforme o caráter dos indivíduos. Solte um físico, em campo aberto, um papagaio elétrico e faça, por esse meio, cair um raio sobre uma árvore e esse novo Prometeu será tido certamente como senhor de um poder diabólico. E, seja dito de passagem, Prometeu nos parece, muito singularmente, ter sido um precursor de

Franklin; mas Josué, detendo o movimento do Sol, ou, antes, da Terra, esse teria operado verdadeiro milagre, pois não conhecemos nenhum magnetizador dotado de tão grande poder para realizar tal prodígio.
(³¹)

O fato é que milagres não existem, Deus jamais revogaria ou alteraria alguma de suas leis, pois caso o fizesse não seria infinitamente perfeito. Aquilo que julgamos ser um milagre nada mais é que a nossa ignorância a respeito das leis divinas que regem a sua produção.

Mateus 22,23-32: *“Naquele mesmo dia, os saduceus, que negavam a ressurreição, interrogaram-no: “Mestre, Moisés disse: Se um homem morrer sem filhos, seu irmão case-se com a sua viúva, e dê-lhe assim uma posteridade. Ora, havia entre nós sete irmãos: o primeiro casou-se e morreu. Como não tinha filhos, deixou sua mulher ao seu irmão. O mesmo sucedeu ao segundo, depois ao terceiro, até ao sétimo. Por sua vez, depois deles todos, morreu também a mulher. Na ressurreição, de qual dos sete será a mulher, uma vez que todos a tiveram? Respondeu-lhes Jesus: Errais, não compreendendo as Escrituras nem o poder de Deus. Na ressurreição, os*

homens não terão mulheres, nem as mulheres maridos: mas serão como os anjos de Deus no céu. Quanto à ressurreição dos mortos, não lestes o que Deus vos disse: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó. Ora, ele não é o Deus dos mortos, mas Deus dos vivos.”

Nessa passagem Jesus nos traz a ideia de que a ressurreição é mesmo a espiritual. É pensamento comum, principalmente nas religiões dogmáticas, que ressuscitaremos de corpo e alma no final dos tempos. Isso não condiz com aquele ensinamento de Jesus.

Aliás, perguntamos: se os homens não terão mulheres, nem as mulheres maridos, qual a necessidade de ressuscitarmos neste mesmo corpo físico? Não seremos como os anjos do céu? E já que se diz que “anjo não tem sexo”, então qual seria a utilidade do corpo físico no plano espiritual?

Se nós seremos iguais aos anjos do céu não é por que os anjos já foram homens? Se Deus, na criação, criou também os anjos, como poderemos distinguir o anjo que foi criado, do que foi um homem?

Anjos, para nós Espíritas, nada mais são que Espíritos Puros, ou seja, espíritos humanos que evoluíram, os que não mais necessitam reencarnar; são os que “*vivem diante Dele*”.

Conclusão

Podemos concluir que o conceito de ressurreição não se resume ao que nos tem sido passado pelas tradições religiosas. É mais abrangente.

Mas, ainda ficou uma questão no ar, poderá alguém nos falar. Sim, deixamos de propósito para falar agora: Jesus não ressuscitou no corpo físico? Não, apesar de que isso possa lhe causar um certo choque. Explicaremos.

Sabemos que em várias oportunidades, Jesus disse aos seus discípulos que ressuscitaria após sua morte. Preocupa-nos a compreensão correta do que, em seu conceito, era a ressurreição. Vejamos a seguinte passagem:

Lucas 20,37-38: “E que os mortos ressuscitem, é Moisés quem dá a conhecer através do episódio da Sarça Ardente, quando chama ao Senhor: o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o

*Deus de Jacó. Ora, **Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos; para ele, então, todos são vivos.***

Veja bem; se Jesus, em se referindo a pessoas que haviam morrido, diz que, para Deus, todos “são vivos” é porque nossa individualidade sobrevive após a morte; em outras palavras, poderia estar se referindo à nossa condição de espíritos eternos.

Ao que chamamos de morte é apenas um processo, ao qual nosso espírito, em seu regresso ao plano espiritual, de onde veio, devolve à natureza os elementos constitutivos do corpo físico, cuja finalidade era viabilizar o seu desenvolvimento moral e intelectual.

Em vista disso, é que devemos entender que a ressurreição de que Jesus falava não era no corpo físico, e sim o ressurgir em espírito. Foi o que aconteceu com ele. Depois de sua morte, esteve ainda na terra em seu corpo espiritual, conforme se encontra em Atos: “Após sua paixão, **ele lhes mostrou, com muitas provas, que estava vivo, aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando-lhes do Reino de Deus**” (Atos 1,3).

Sabemos, por informação dos próprios espíritos, que eles se manifestam em seu corpo espiritual, denominado perispírito. Nele é evidenciada toda a evolução moral do espírito; assim quanto mais luminoso for, maior evolução e, via de consequência, quanto menos luz produzir, mais inferior é o espírito.

Deve ser pelo motivo de sua luminosidade que, em algumas situações, Jesus não foi reconhecido pelos seus discípulos, como observamos em Marcos 16,12: *“Depois disto, **ele apareceu sob outra forma**, a dois deles que estavam a caminho do campo”*.

Ao aparecer a Saulo, na estrada de Damasco (Atos 9,3-9), veio em sua plenitude espiritual, fato que impossibilitou aos que presenciavam o fenômeno de vê-lo; só ouviram sua voz. Ao narrar esse acontecimento, Paulo diz: *“aí pelo meio-dia, de repente uma grande luz que vinha do céu brilhou ao redor de mim”* (Atos 22,6-9), o que confirma o que estamos dizendo sobre o perispírito refletir a evolução moral.

A matéria, igualmente, não oferece nenhuma resistência a esse corpo perispiritual. Temos a prova disso pelo fato de Jesus ter entrado em ambiente fechado: *“Oito dias depois, os discípulos se achavam de novo na casa, e Tomé com eles. Jesus **entrou, estando as portas fechadas**, pôs-se no meio deles e os cumprimentou: A paz esteja convosco!”* (João 20,26).

Podemos aceitar também que, em algumas circunstâncias, Jesus poderia ter se materializado diante dos discípulos. É bem provável que fez isso para se tornar tangível, tendo em vista que nem os discípulos nem os de sua época tinham conhecimento dos mecanismos das manifestações espirituais para entender o que estava acontecendo.

Temos que convir que, em certos relatos do Evangelho, existem alguns exageros. Assim, determinados acontecimentos foram colocados buscando valorizar os fatos ou a pessoa quem os produziu. Vejamos, como exemplo, o que consta em João 21,25: *“Há, porém, muitas outras coisas que Jesus fez. Se todas elas fossem escritas uma por uma, **creio que nem o mundo inteiro poderia***

conter os livros que seriam escritos”.

Dito isso, vamos à 1ª carta aos Coríntios 15,3-6: *“Eu vos transmiti principalmente o que eu mesmo recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras; que foi sepultado, e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras; que apareceu a Cefas, depois aos doze. Em seguida **apareceu, de uma só vez, a mais de quinhentos irmãos**, dos quais a maior parte vive ainda hoje, embora alguns tenham morrido”.*

É interessante que nenhum dos quatro autores dos Evangelhos fala que Jesus teria aparecido a quinhentas pessoas, assim podemos supor que pode ser apenas um exagero de Paulo, que, como sabemos, não foi testemunha ocular.

Por outro lado, até mesmo a questão de Jesus ter ficado quarenta dias no meio dos discípulos poderíamos entender de outra forma, pois o número 40 possuía, para eles, um significado importante; observe esses exemplos:

- O povo hebreu permaneceu 40 anos no deserto (Números 14,33-34);

- No dilúvio choveu 40 dias e 40 noites (Gênesis 7,12.17);

- Jacó ao morrer ficou embalsamado por 40 dias (Gênesis 50,2-3);

- Moisés ficou no Sinai 40 dias e 40 noites, quando recebe os Mandamentos (Êxodo 24,18);

- Deus, por castigo, entrega os israelitas aos filisteus por 40 anos (Juízes 13,1);

- Em desafio um filisteu se apresenta ao exército hebreu por 40 dias (1 Samuel 17,16);

- Davi reinou por 40 anos (2 Samuel 5,4);

- O templo tinha 40 côvados.(1 Reis 6,17);

- O reinado de Salomão durou 40 anos (1 Reis 11,42);

- Elias, após comer o que um anjo lhe dá, caminha 40 dias e 40 noites (1 Reis 19,8);

- Jesus jejuou 40 dias e 40 noites (Mateus 4,2).

Carlos Torres Pastorino (1910-1980), no livro **Sabedoria do Evangelho - Vol. I**, quando fala sobre como devemos fazer a interpretação da Bíblia,

explica:

Os números possuem sentido muito simbólico, assim:

10 – diversos

40 – muitos

07 – grande número

70 – todos, sempre. ⁽³²⁾

Então, conclui, esse autor: *“não devem ser tomados à risca”*.

Dessas aparições de Jesus podemos realçar duas coisas. A primeira, é que há vida após a morte; caso contrário, ninguém poderia aparecer depois de morto. A segunda, é que os mortos se comunicam com os vivos, por mais que alguns ainda venham a dizer que isso não pode ocorrer; a nós não resta dúvida alguma quanto a isso.

Alguns querem sustentar que Jesus tenha se manifestado com o corpo físico; entretanto isso não condiz com o que podemos tirar dos acontecimentos.

Então o Mestre não ressuscitou no corpo físico? Reafirmamos: não, apesar de que isso possa lhe

causar um certo choque; no entanto, analisemos...

Quando se apresenta a Maria de Madalena, Jesus diz a ela: *“não me toques porque ainda não subi para meu Pai”* (João 20,17). Entretanto, em relação a Tomé disse: *“Põe aqui o teu dedo, vê as minhas mãos, aproxima também a tua mão, põe-na no meu lado”* (João 20,27), nos parecendo uma contradição.

Ainda fica mais difícil compreender quando colocam Jesus dizendo *“porque um espírito não tem carne, nem ossos, como vós vedes que eu tenho”* (Lc 24,39), e, na sequência, ele está comendo peixe assado (Lucas 24,42-43). Tudo isso nos parece uma montagem para justificar a ideia que os hebreus tinham que a alma não sobreviveria sem o corpo físico.

No livro de Tobias, encontramos um anjo fazendo coisas comuns ao seres humanos, inclusive comendo; mas, ao final, ele declara: *“Eu sou Rafael, um dos sete anjos [...] Vocês pensavam que eu comia, mas era só aparência [...] E o anjo desapareceu. Quando se levantaram, não o puderam*

ver mais.” (Tobias 12,15-22). No caso de Jesus não poderia ter sido uma materialização? Nessa hipótese, estaria justificada a questão de ser tangível.

Mas, considerando que, em determinadas oportunidades, se manifesta e ninguém o reconhece, somente acontecendo após algum gesto, como isso poderia ocorrer se ele tivesse ressuscitado no corpo físico? Se fosse em espírito poderia muito bem, pela sua evolução espiritual, transparecer com tanta luz que não conseguiram mesmo identificá-lo prontamente. Teria Ele, quando vivo, dito algo que negaria depois de morto, já que acreditamos que o que pregou mesmo foi a ressurreição do Espírito?

Todos os evangelistas são unânimes em dizer que o corpo de Jesus foi colocado num túmulo novo. Enquanto pela narrativa de Mateus (27,59-60) e Marcos (15,46) o túmulo era de José de Arimateia, Lucas (23,52) não dá a entender isso e João (19,41-42) diz que o túmulo se localizava no jardim perto do lugar onde Jesus fora crucificado, e o colocaram lá porque estava perto, ficando, portanto, a ideia que não pertencia a José de Arimateia. Preste atenção: “*colocaram*” e não “*enterraram*”; não seria, por

consequente, um lugar provisório?

Em Atos (5,1-11), quando se narra a morte de Ananias, e, logo após, a de Safira, sua mulher, está dito: *“levaram para enterrar”* (Atos 5,6.10), ou seja, em definitivo. Assim, por falta de maiores comprovações, podemos concluir que o lugar onde colocaram o corpo de Jesus não seria o seu túmulo definitivo, o que, provavelmente, foi feito depois; daí, a razão do desaparecimento de seu corpo, hipótese mais provável, pelas narrativas.

Por outro lado, no domingo de manhã, dois dias depois da morte de Jesus, algumas mulheres compraram perfumes e foram ao sepulcro para embalsamar o corpo (Marcos 16,1; Lucas 24,1), reforçando a ideia de que foi colocado ali provisoriamente. No relato de João (20,1-2) somente Maria Madalena foi ao sepulcro, sem dizer o motivo e que, ao encontrá-lo vazio, diz: *“Retiraram do sepulcro o Senhor e não sabemos onde o puseram”*. (João 20,2), ou seja, falou exatamente o que se esperava acontecer para um lugar provisório.

Por que estamos dizendo isso? Quem vai nos

tirar desse impasse? Em Atos (16,7) Paulo e Timóteo tentam entrar na Bitínia; aí diz o texto: *“mas o Espírito de Jesus os impediu”*. Em 2 Coríntios 3,17, Paulo afirma: *“O Senhor é Espírito”*. Pedro nos diz que Jesus: *“sofreu a morte em seu corpo, mas recebeu vida pelo Espírito”* (1 Pedro 3,18) e nos dá outra informação dizendo que Jesus foi pregar o Evangelho aos mortos (1 Pedro 4,6); se isso aconteceu, Jesus só poderia ter feito em Espírito. Assim, tudo se converge para a ideia de que Jesus, após sua morte, ressuscitou em Espírito.

A conclusão, portanto, fica-nos a convicção de que a ressurreição contida na Bíblia é a do Espírito e não a do corpo. E sendo a do Espírito, a consequência é a influência do Espírito sobre um encarnado.

Fica aí evidenciada a necessidade de uma exegese mais realista dos fatos acontecidos, já que aquilo que os teólogos nos colocaram não condiz com a realidade.

E, para concluir nosso estudo, perguntamos: qual das duas hipóteses – ressurreição do corpo ou

ressurreição do espírito - estaria mais próxima do reconhecimento da Ciência? Mas, antes de respondermos, teremos que ter em mente: tudo o que a ciência descobriu ou vier a descobrir sobre as leis que regulam qualquer tipo de fenômeno, coisa ou situação, ela nada mais faz do que comprovar as leis divinas, já que tudo que existe no Universo é obra de Deus.

A ciência diz que nosso corpo é composto principalmente de oxigênio, hidrogênio, azoto e carbono, que se combinaram para formá-lo; mas, uma vez morrendo e se decompondo, esses elementos vão para novas combinações, formar novos corpos minerais, vegetais e animais (aqui incluindo o homem). Assim, não haverá a mínima possibilidade de voltarmos ao mesmo corpo que tínhamos quando vivos.

Está em plena expansão a TVP - Terapia de Vidas Passadas. Ainda não se pode dizer que é uma ciência; mas, mais cedo do que muitos pensam, será considerada como tal. Bom; a TVP é um processo que, por hipnose ou relaxamento profundo, o terapeuta utiliza para levar o indivíduo retornar

mentalmente às suas vidas passadas, buscando nelas as causas determinantes dos atuais problemas do referido indivíduo. Cada vez mais encontramos médicos, psiquiatras e psicólogos lançando mão deste recurso terapêutico para cura de seus pacientes. Embora não seja uma de suas metas provar a reencarnação, fatalmente chegarão a isso.

Além da TVP, encontramos também pesquisas sendo realizadas com métodos científicos buscando a comprovação dos fatos relatados por crianças que se lembraram espontaneamente de uma vida anterior.

Por outro lado, se entendermos ressuscitar como fazer voltar à vida; reviver; ressurgir, como consta do Aurélio, e considerando o que se diz popularmente de ressurreição da carne ou, algumas vezes, de ressurreição na carne, podemos perceber duas situações para que isso ocorra. **A ressurreição na carne** significando voltar a viver em um novo corpo, ou seja, o que nós denominamos de reencarnação. **Já ressurreição da carne**, seria a saída definitiva do Espírito do ciclo da ressurreição na carne, para viver sua plena vida de Espírito

imortal, isto é, deixando o ciclo das reencarnações sucessivas.

Temos outro ebook, com o título, ***Qual Ressurreição: da Carne, na Carne ou é a do Espírito?*** ⁽³³⁾, no qual também tratamos desse tema, mas com uma linha de argumentação diferente, nós o recomendamos aos interessados.

Referências bibliográficas

Bíblia de Jerusalém, Nova edição, revista e ampliada.
São Paulo: Paulus Editora, 2002

Bíblia Sagrada - Ave-Maria, 68ª edição. São Paulo:
Centro Bíblico Católico, Editora Ave-Maria, 1989.

Bíblia Sagrada - Barsa, Edição Barsa, Catholic Press,
1965.

Bíblia Sagrada - Edição Pastoral, 43ª impressão. São
Paulo: Paulus Editora, 2001.

Bíblia Sagrada - Paulinas 1980, 37ª edição, São Paulo:
Edições Paulinas, 1980.

Bíblia Sagrada - Santuário, 5ª edição. São Paulo:
Editora Santuário Aparecida, 1984.

Bíblia Sagrada - Vozes, 8ª edição. Petrópolis (RJ):
Editora Vozes, 1989.

Novo Testamento – LEB. São Paulo: Edições Loyola,
1984;

MONLOUBOU, L. e BRUIT, F. M. ***Dicionário Bíblico
Universal***. Petrópolis (RJ): Vozes; Aparecida, SP:
Editora Santuário, 1996.

CARVALHO, A. ***Espião do Passado***. in. Veja, ed. 1747.

FELIPPE, C. ***O Egito que revivia os mortos***. in. Revista
das Religiões, Edição 2. São Paulo: Editora Abril,
ago/2003.

KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos**. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. **O Livro dos Médiuns**. Brasília: FEB, 2013.

ORÍGENES, **Contra Celso**. São Paulo: Paulus, 2004.

PASTORINO, C. T. **Sabedoria do Evangelho - Vol. I**. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964.

Periódicos:

A Magia do Egito nº 1 – Os mistérios da Civilização. São Paulo: Editora Escala, s/d

A Magia do Egito, nº 5 – Deuses e Mitos. São Paulo: Editora Escala, s/d.

Estado de Minas, Belo Horizonte, 01.11.1994, Coluna “Um dia no Mundo”.

Estado de Minas, Belo Horizonte, 18.04.1996, Coluna “Um dia no Mundo”.

Revista das Religiões, edição 2. São Paulo: Editora Abril, agosto 2003.

Revista Veja, edição 1747, ano 35, nº 15, 17 de abril de 2002, Ed. Abril.

Internet:

ECCLESIAE, *Biografia Orígenes*, disponível em:

https://ecclesiae.com.br/index.php?route=product/auth&author_id=685&srsId=AfmBOoqHgyTNrv8dA7IZw3YgKPiOtJJKM0gDXzafqSp04uDwPqqReD5U. Acesso em: 23 mai. 2025.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Qual Ressurreição: da Carne, na Carne ou é a do Espírito?*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/seb-qual-ressurreicao-da-carne-na-carne-ou-e-a-do-espírito-ebook>. Acesso em: 05 jun. 2025.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do **GAE** - Grupo de Apologética Espírita (<https://apologiaespirita.com.br/>), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Escreveu vários artigos e ebooks que estão publicados em seu site **Paulo Neto** (<https://paulosnetos.net>) e em outros sites Espíritas na Web, entre eles, **EVOC** (https://www.oconsolador.com.br/editora/ordem_autor.htm).

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I*; 7) *Espiritismo e Aborto*; e 8) *Chico Xavier: Uma Alma Feminina*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. II*, 2) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III*; 3) *Racismo em Kardec?*; 4) *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*; 5) *A*

Reencarnação Tá na Bíblia; 6) Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem); 7) Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso; 8) Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus Autores?; 9) Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta; 10) Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?; 11) A Mulher na Bíblia; 12) Todos Nós Somos Médiuns?; 13) Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas; 14) O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito; 15) Allan Kardec e a lógica da reencarnação; 16) O Fim dos Tempos Está Próximo?; 17) Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves; 18) Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?; 19) A Aura e os Chakras no Espiritismo; 20) Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?; 21) Espiritismo: Religião Sem Dúvida; 22) Allan Kardec e Suas Reencarnações; 23) Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?; 24) EQM: Prova da Sobrevivência da Alma; 25) A Perturbação Durante a Vida Intrauterina; 26) Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução; 27) Reencarnação e as Pesquisas Científicas; 28) Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia); 29) Haveria Fetos Sem Espírito?; 30) Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos; 31) Herculano Pires Diante da Revista Espírita; e 32) Allan Kardec: sua mediunidade e os fenômenos que protagonizou.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 441-442.
- 2 CARVALHO, *Espião do Passado*, in. *Veja*, ed. 1747, p. 14.
- 3 MONLOUBOU e BRUIT, *Dicionário Bíblico Universal*, p. 681.
- 4 *A Magia do Egito*, nº 1 – Os mistérios da Civilização, p. 47.
- 5 *A Magia do Egito*, nº 5 – Deuses e Mitos. p. 12.
- 6 FELIPPE, *O Egito que revivia os mortos*. in. *Revista das Religiões*, Edição 2, p. 42.
- 7 Bíblia de Jerusalém, p. 1238.
- 8 Bíblia Sagrada – Vozes, p. 912.
- 9 Bíblia Sagrada – Vozes, p. 1072
- 10 Bíblia de Jerusalém, p. 1534.
- 11 Bíblia de Jerusalém, p. 1534.
- 12 Bíblia Sagrada – Vozes, p. 573.
- 13 Bíblia Sagrada – Paulinas, p. 553.
- 14 Bíblia Sagrada – Pastoral, p. 611.
- 15 Bíblia de Jerusalém, p. 718.
- 16 Bíblia de Jerusalém, p. 777.
- 17 Bíblia de Jerusalém, p. 724.
- 18 Bíblia de Jerusalém, p. 798.
- 19 Bíblia de Jerusalém, p. 1245.
- 20 Bíblia de Jerusalém, p. 1246.
- 21 Bíblia Sagrada – Vozes, p. 1086.
- 22 Bíblia Sagrada – Ave-Maria, p. 40.
- 23 Bíblia Sagrada – Santuário, p. 1313.
- 24 JOSEFO, *História dos Hebreus*, p. 416.
- 25 Bíblia Sagrada Santuário, p. 1338-1339.

- 26 ECCLESIAE, *Biografia Orígenes*, disponível em:
[https://ecclesiae.com.br/index.php?route=product/author
&author_id=685&srsId=AfmBOoqHgyTNrv8dA7IZw3YgK
PiOtJJKM0gDXzafqSp04uDwPqqReD5U](https://ecclesiae.com.br/index.php?route=product/author&author_id=685&srsId=AfmBOoqHgyTNrv8dA7IZw3YgKPiOtJJKM0gDXzafqSp04uDwPqqReD5U)
- 27 ORÍGENES, *Contra Celso*, p. 567-568.
- 28 ORÍGENES, *Contra Celso*, p. 5.
- 29 Estado de Minas, Belo Horizonte, 01.11.1994, Coluna
“Um dia no Mundo”, p. ??.
- 30 Estado de Minas, Belo Horizonte, 18.04.1996, Coluna
“Um dia no Mundo”, p. 17.
- 31 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 27.
- 32 PASTORINO, *Sabedoria do Evangelho – Vol. I*, p. 9.
- 33 SILVA NETO SOBRINHO, *Qual Ressurreição: da Carne, na Carne ou é a do Espírito?*, disponível em:
[https://paulosnetos.net/article/seb-qual-ressurreicao-da-
carne-na-carne-ou-e-a-do-espírito-ebook](https://paulosnetos.net/article/seb-qual-ressurreicao-da-carne-na-carne-ou-e-a-do-espírito-ebook)